Acervos musicais da Região Sudeste do Brasil*

Paulo Castagna
Universidade Estadual Paulista

* Este capítulo reúne materiais produzidos em pesquisas financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Bolsa PQ, Processo 309806/2015-1) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Auxílio Pesquisa - Regular, Processo FAPESP n° 2022/05895-5).

12

COMO CITAR
CASTAGNA, Paulo. Acervos musicais da Região Sudeste do Brasil. *In*: BESSA, Virgínia de Almeida; PÉREZ GONZÁLEZ, Juliana. (ed.). *Sudeste*. Vitória: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2023. p. 414-469. (Histórias das Músicas no Brasil).

Histórias das Músicas no Brasil
Sudeste

Virgínia de Almeida Bessa
Juliana Pérez González
Editoras

Vitória-ES
ANPPOM
2023

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música

Diretoria 2022-2023

Presidente: Luis Ricardo Silva Queiroz, UFPB
1ª Secretária: Joana Cunha de Holanda, UFRN
2º Secretário: Edilson Assunção Rocha, UFSJ
Tesoureiro: Vanildo Mousinho Marinho, UFPB
Editora: Mónica Vermes, UFES

Conselho Fiscal

Eurides de Souza Santos, UFPB
Helena Lopes da Silva, UFMG
Fabio Soren Presgrave, UFRN
Adriana Lopes da Cunha Moreira, USP
Luciana Marta Del-Bem, UFRGS
João Bellard Freire, UFRJ

Editora de Publicações da ANPPOM

Mónica Vermes, UFES

Projeto gráfico e diagramação

Carolina Noury

Marina Sirito

Capa

Bruno Constantino

Revisão

Nayana Ferraz (Revisão com S)

Crédito da imagem da capa

Foto superior: Banda de Diamantina, MG. Fotografia de Chichico Alkmim, 1910. Fonte: Instituto Moreira Salles. Foto inferior: Figurantes da congada apresentada na peça O *Contratador de Diamantes, d*e Affonso Arinos, encenada no Theatro Municipal de São Paulo em 1918. *A Vida Moderna*, 30/05/1919, n.p. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Organização da série

Mónica Vermes (ANPPOM/UFES)

Marcos Holler (UDESC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias das músicas no Brasil [livro eletrônico] : sudeste / organização geral Mónica Vermes, Marcos Holler ; editoras Virgínia de Almeida Bessa, Juliana Pérez González. -- Vitória, ES : Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2023. -- (Histórias das músicas no Brasil)
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-999016-3-8

1. Música 2. Música brasileira 3. Música - História - Brasil I. Vermes, Mónica. II. Holler, Marcos. III. Bessa, Virgínia de Almeida. IV. González, Juliana Pérez. V. Série.

23-177191 CDD-780.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Música : História 780.981

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Índice

Introdução
As Histórias das Músicas no diálogo entre as disciplinas e na fronteira entre os saberes 8
Virgínia de Almeida Bessa; Juliana Pérez González

Música e mercado

1 Música de entretenimento no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX 18
Martha Tupinambá de Ulhôa; Luiz Costa-Lima Neto

2 Massificação e segmentação na canção popular brasileira das décadas de 1940 e 1950 62
Adelcio Camilo Machado

Olhares organológicos

3 Emygdio Junior e as flautas transversais: para além do trabalho de copista 86
André dos Santos Mendes; Mauricio Freire Garcia

4 A vida social do pandeiro no Rio de Janeiro (1900-1939) 114
Eduardo Marcel Vidili

Trajetórias

5 De Canhotinho a Vitória: experiência migratória e engajamento político na obra de Jaceguay Lins 164
Paula Maria Lima Galama

6 Todos os degraus do parnaso: uma história das pianistas paulistanas 194
Fernando Binder

7 Relíquia indígeno-jesuítica ou forma híbrida caipira? Novos elementos sobre a origem da "dança de Santa Cruz" na aldeia de Carapicuíba 246
Daniel Issa Gonçalves

Perspectivas decoloniais

8 Nhamonhendu mboraei, façamos com que ouçam nossos cantos: desdobramentos e esquivas, devires e fronteiras 280
Tiago Karai; Daisy Fragoso

9 De Ismael Silva ao presente: por uma história antirracista da música popular 308
Lurian José Reis da Silva Lima

Historiar as músicas do tempo presente

10 A experimentação como prática artística e coletiva de uma cena musical no subterrâneo da história 340
Natália Fontana Francischini; Fernando Iazzetta

11 Os tambores japoneses de Atibaia-SP: música, tradição e identidade 382
Flávio Rodrigues

Coda

12 Acervos musicais da Região Sudeste do Brasil 414
Paulo Castagna

Sobre os autores 470

Sobre a série 478

Acervos musicais da Região Sudeste do Brasil*

Paulo Castagna
Universidade Estadual Paulista

* Este capítulo reúne materiais produzidos em pesquisas financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Bolsa PQ, Processo 309806/2015-1) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Auxílio Pesquisa - Regular, Processo FAPESP n° 2022/05895-5).

12

COMO CITAR
CASTAGNA, Paulo. Acervos musicais da Região Sudeste do Brasil. *In*: BESSA, Virgínia de Almeida; PÉREZ GONZÁLEZ, Juliana. (ed.). *Sudeste*. Vitória: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2023. p. 414-469. (Histórias das Músicas no Brasil).

1. Introdução

A escrita da história da música requer a consulta a vários tipos de documentos, especialmente aqueles diretamente relacionados à atividade musical, ainda que os autores mais antigos tenham produzido suas narrativas com base, principalmente, na apreciação do repertório musical que circulava em gravações, em salas de concertos, ou mesmo a partir da consulta a publicações anteriores sobre música e músicos. Considerando-se que a história da música passou por muitas transformações até o presente, como já demonstraram Warren Dwight Allen (1962) e Carl Dahlhaus (1999, 2003, 2017), a consulta a fontes primárias é uma tendência que foi sendo incorporada pelos autores desse tipo de literatura ao longo do século XX e início do XXI, na medida em que a história da música iniciou o trânsito de um gênero literário para um gênero científico. O conhecimento dos acervos musicais é, portanto, um requisito para qualquer pesquisa histórica atual na área de música, particularmente no Brasil, cuja história sonora foi muito marcada por visões oficiais e hegemônicas, o que resultou mais em exclusão do que inclusão de assuntos, gêneros musicais, populações, regiões geográficas etc.

O maior problema a esse respeito, no entanto, é a falta de um mapeamento sistemático de acervos nacionais, conquanto alguns projetos regionais ou temáticos já tenham sido realizados, parte deles de forma empírica. Se os primeiros trabalhos musicológicos sobre o conteúdo e os problemas dos acervos musicais no Brasil foram os de Vicente Salles (1973), Aluízio José Viegas (1998), José Maria Neves (1993, 1998), Pablo Sotuyo Blanco (2004), Jaelson Bitran Trindade (2006) e Modesto Fonseca (2006), o projeto pioneiro de mapeamento nacional de acervos foi lançado pelo *Guia VivaMúsica!* (FISCHER, 2001), na seção "Centros de documentação musical e acervos". Seu conteúdo também foi compartilhado, a partir do mesmo ano, na relação *online* de acervos musicais da Coordenação de Documentação de Música Contemporânea (CDMC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), posteriormente incorporada ao Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural (CIDDIC). Outro projeto, intitulado Mapa dos Acervos Musicais Brasileiros, foi por mim informalmente iniciado no final da década de 1990 e resultou na identificação de pouco mais de 60 acervos no país, dados que foram anualmente divulgados na referida seção do *Guia VivaMúsica!* a partir de 2001. A relação foi ampliada, entre 2005 e 2007, para 125 acervos. Quando do ingresso, nesse projeto, do bolsista Victor de Moura Lacerda [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)/Universidade Estadual Paulista (Unesp)], em 2008, o levantamento passou a ser divulgado em uma página do portal da Unesp, durante alguns anos, até sua exclusão por ocasião da reforma desse portal na década de 2010 (CASTAGNA, 2016).

A mais ampla pesquisa nacional de acervos musicais, até o presente, foi realizada por Fernando Lacerda Simões Duarte (2016), que visitou presencialmente 500 instituições em 70 cidades dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal (incluindo todas as suas capitais), consultando acervos em 175 delas e constatando a existência de fontes relacionadas à música em 153, apresentados na "Listagem das instituições visitadas em pesquisa de campo" de sua tese (DUARTE, 2016: 490-495). Trabalhos posteriores (COTTA, 2012, 2018. CASTAGNA, 2016) apresentaram novos dados a respeito, mas nenhum projeto da amplitude dos anteriormente referidos foi realizado em âmbito nacional.

Com o propósito de contribuir para o desenvolvimento da escrita da história da música com base em fontes primárias, o objetivo deste capítulo é apresentar uma sucinta relação dos acervos musicais ou de interesse musical abertos à pesquisa em cidades da região Sudeste do Brasil (que, muitas vezes, apresentam música e fontes musicográficas originárias de outras regiões do país e do mundo), bem como compreender suas principais características históricas e institucionais. Para isso, foram utilizados guias e catálogos, como os do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1982), da Fundação Biblioteca Nacional (1994), da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (1998), de Paula Porta Fernandes *et al.* (1998), da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados do Estado de São Paulo (2001a-f) e da Universidade de São Paulo (2000, 2017), mas também trabalhos de pesquisadores que discorreram sobre um acervo ou mais, levantamentos em páginas institucionais na internet e a própria experiência de pesquisa em uma parte deles.

Como existem dezenas, talvez centenas, de acervos musicais apenas na referida região, foi realizada uma seleção entre os maiores e os que já foram alvo de pesquisas musicológicas. O presente trabalho não é um catálogo nem um guia, mas uma relação que, além de subsidiar pesquisas musicológicas nesse espaço geográfico, pode ser usada como ponto de partida para futuros guias regionais ou nacionais de acervos de interesse musical, conforme as normas convencionais desse gênero de obra de referência (GUIMARÃES; MARCIAL, 2008).

2. Tipologia de instituições, acervos e fontes de interesse musical

Embora os principais itens da pesquisa musicológica sejam os musicográficos, bibliográficos e fonográficos, é enorme a variedade tipológica dos documentos que oferecem informações relevantes para esse tipo de trabalho. Por essa razão, Josefa Montero García (2008: 94-100) utiliza o conceito de "fonte documental", mais amplo que o de "documento", por incluir espécies externas ao próprio âmbito arquivístico. Além dos tipos que denomina "fontes indiretas" (guias de arquivos, inventários, catálogos, bases de dados e índices), essa pesquisadora relaciona um quadro das "principais fontes diretas", com 19 tipos básicos:

1. Partituras, registros sonoros e audiovisuais
2. Libretos e textos
3. Escritos pessoais dos compositores
4. Tratados sobre música
5. Documentos governamentais sobre instituições com atividades musicais
6. Estatutos e regulamentos

7. Entrevistas pessoais
8. Instrumentos musicais
9. Objetos artísticos
10. Livros de contas
11. Cerimoniais
12. Processos de concursos
13. Documentos diversos
14. Livros de registros de igrejas
15. Documentos pontifícios
16. Processos administrativos
17. Imprensa: críticas musicais e anúncios de apresentações musicais
18. Cartazes e programas de apresentações musicais
19. Correspondência (MONTERO GARCÍA, 2008: 94-100, tradução minha).

Naturalmente, é possível incluir outros tipos de itens na relação de Montero García, ou mesmo desdobrar cada um deles em vários subtipos, mas essa relação é um importante ponto de partida para informar o pesquisador a respeito da grande variedade tipológica de documentos que podem ser pesquisados.

Os repositórios de interesse público mais antigos e convencionais, nos quais itens desse tipo podem ser encontrados, são as bibliotecas (geralmente, constituídas por coleções bibliográficas), os arquivos (principalmente compostos por acervos documentais) e os museus (formados, usualmente, por acervos de itens tridimensionais, mas, eventualmente, também bibliográficos e documentais), muitos deles fundados há séculos. Particularmente relevantes para a área de música, contudo, são os tipos específicos de repositórios criados no século XX, como discotecas, fonotecas ou arquivos sonoros e centros de documentação (específicos da área de música ou com expressivo acervo de interesse musical), públicos ou privados. Também é importante incluir os arquivos acumulados por instituições de prática, ensino, administração e difusão musical, que Jon Bagüés (2008) apresenta a partir de um ponto de vista histórico, enumerando aqueles constituídos na Espanha desde o século XVI, para chegar aos tipos internacionais que se estabeleceram com a expansão social das atividades artísticas no século XIX. Estes foram reunidos pelo pesquisador em cinco tipos básicos:

1. Arquivos de conservatórios
2. Arquivos de bandas de música
3. Arquivos de orquestras
4. Arquivos de coros
5. Arquivos de gestão e de empresas (BAGÜÉS, 2008: 75-77, tradução minha).

Embora o termo genérico "arquivos" siga em uso para esse tipo de repositório, têm sido cada vez mais usadas, em âmbito internacional, designações alternativas, como "arquivo musical", "biblioteca musical", "musicoteca" e "mediateca", para definir os repositórios especificamente compostos por fontes musicais dessas instituições e, assim, distingui-los dos seus arquivos administrativos e mesmo dos documentais históricos, tendo em vista que os repositórios musicais apresentam características e funcionamento distintos dos arquivos relacionados à sua administração (COELHO, 2019: 2-6).

De acordo com Bagüés (2008: 77-78), a diversificação da produção musical no século XX gerou novos tipos de arquivos, como os de rádio, gravadora, cinema e televisão, e novos tipos de documentos de interesse musical, genericamente denominados "audiovisuais". Paralelamente, tornaram-se comuns, no século XX, os arquivos pessoais e os que esse pesquisador chama de "arquivos para a música", constituídos por gravações de música tradicional e por documentos reunidos com o fim de viabilizar a pesquisa musicológica dos interessados. Para organizar o conhecimento a respeito dessa diversidade, o mesmo autor estabelece este quadro de classificação dos tipos de "arquivos musicais" quanto ao organismo produtor:

1. Arquivos pessoais
   1.1. Arquivos de compositores
   1.2. Arquivos de intérpretes
   1.3. Arquivos de críticos
   1.4. Arquivos de pesquisadores
   1.5. Arquivos de colecionadores e aficionados
2. Arquivos institucionais
   2.1. Arquivos musicais de instituições religiosas
   2.2. Arquivos de entidades interpretativas (orquestras, coros, bandas, grupos...)
   2.3. Arquivos de entidades educativas
   2.4. Arquivos de entidades de imprensa e radiodifusão
   2.5. Arquivos de teatros e salas (teatros de ópera)
   2.6. Arquivos de entidades produtoras (editoriais, gráficas, de construção de instrumentos...) (BAGÜÉS, 2008: 81-82, tradução minha).

A classificação de Jon Bagüés (2008: 81-82) é importante para se compreender que, além dos acervos de bibliotecas, arquivos e museus, e das mais recentes discotecas, fonotecas e centros de documentação, herdamos uma grande variedade de acervos, entre correntes, circulantes e históricos[1], que podem ser alvo de investigações musicológicas. Ademais, desenvolveram-se, no Brasil, desde meados do século XIX, alguns tipos específicos de instituições, que acabaram reunindo significativos acervos musicais, o que torna fundamental mencioná-los: os institutos históricos e geográficos, os museus

[1] Conforme o *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística* (ARQUIVO NACIONAL, 2005: 29), arquivo corrente é o "Conjunto de documentos, em tramitação ou não, que, pelo seu valor primário, é objeto de consultas frequentes pela entidade que o produziu, a quem compete a sua administração". Acervos circulantes são aqueles cujos itens são disponibilizados tanto à consulta local quanto ao empréstimo domiciliar. Acervos históricos são aqueles cujos itens, por sua idade e conteúdo, interessam à pesquisa histórica.

da imagem e do som, as cinematecas, as bibliotecas das unidades do Serviço Social do Comércio (Sesc), os institutos culturais privados (geralmente, financiados por bancos) e as fundações de todos os tipos.

Os institutos históricos e geográficos surgiram, no Brasil, em 1838, com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o qual estimulou a criação de instituições semelhantes no país, algumas com o acréscimo de novas designações em seus nomes, como "arqueológico", "genealógico", "artístico" e "cultural". Sucessores das academias literárias e científicas que existiram no século XVIII, os institutos históricos e geográficos tornaram-se importantes instituições brasileiras voltadas à pesquisa, à memória e à difusão do conhecimento sobre história e geografia do país, antes da multiplicação de universidades, bibliotecas, arquivos e centros de documentação, ao longo do século XX. Tais instituições constituíram bibliotecas, discotecas, arquivos e coleções de obras de arte, que, muitas vezes, preservam itens de interesse musicológico.

Os museus da imagem e do som (MIS) surgiram em 1965, com a criação do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (mantido pelo Governo desse estado), destinado a receber acervos audiovisuais e documentos relacionados, principalmente, à música (incluindo a indústria fonográfica), ao cinema, ao rádio e à televisão. A partir dessa data, foram sendo criadas instituições semelhantes em outros estados, como o Museu da Imagem e do Som de São Paulo, em 1970. Pouco depois, surgiram aqueles mantidos em âmbito municipal, como o Museu da Imagem e do Som de Bauru, fundado em 1993, e o Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, fundado em 1995. De caráter semelhante, mas especificamente destinadas ao recolhimento e à proteção de fitas e documentos cinematográficos, são as cinematecas, cujo caso mais expressivo no país é a Cinemateca Brasileira, iniciada na década de 1940 como acervo privado, mas administrada pelo Governo Federal a partir de 1984. Embora tenha reunido o maior acervo brasileiro relacionado ao cinema, foi afetada por cinco incêndios, de 1957 a 2021, que destruíram parte significativa de suas coleções.

Quanto ao Sesc, é uma instituição estabelecida no país pelo Decreto-Lei n° 9.853, de 13 de setembro 1946, que atribui à Confederação Nacional do Comércio o encargo de criar e organizar o Serviço Social do Comércio (BRASIL, 1946). De maneira geral, as unidades do Sesc possuem bibliotecas, algumas de grande porte e com bibliografia de interesse musical, mas, como esse não é um tema de destaque em tais acervos, não serão aqui enumerados. Por fim, entre os institutos culturais privados com coleções de interesse para a área de música, estão o Centro Cultural Banco do Brasil, o Instituto Moreira Salles (inicialmente mantido pelo Unibanco e hoje pelo Itaú Unibanco Holding S.A.) e o Instituto Itaú Cultural, que, além de adquirirem acervos físicos, também investem em sua digitalização e divulgação *online*.

3. Formação de acervos musicais no Brasil

Inicialmente, é importante distinguir a acumulação orgânica de acervos musicais por parte de pessoas e instituições, decorrente de suas atividades profissionais e análoga à constituição de arquivos administrativos, da formação de coleções temáticas (pessoais ou institucionais), destinadas ao estudo, à pesquisa e à exposição. Se o primeiro tipo é historicamente muito antigo e está associado à atividade musical profissional e ao caráter utilitário, o segundo surgiu a partir do interesse específico por repertórios musicais, já no século XIX, visando à preservação de fontes pelo maior tempo possível. A diferença entre essas duas formas de acumulação é clara quando se contrapõem arquivos administrativos com coleções de qualquer tipo, porém mais complexa no caso de arquivos musicais ou musicotecas de instituições produtoras de música (orquestras, bandas, coros e outros conjuntos): nestes, acumulam-se tanto os documentos musicográficos produzidos internamente e decorrentes de suas atividades-fim (composições, arranjos, cópias etc.), o que é típico de arquivos, quanto os itens de origem externa, seja por compra, empréstimo, legado ou doação, o que é característico de coleções (CASTAGNA, 2019). Exemplo da segunda forma de acumulação em musicotecas é o caso do arquivo musical da Rádio Record de São Paulo, incorporado ao arquivo musical da Rádio Gazeta de São Paulo, e ambos integrados à musicoteca da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo (PASQUALINI, 2000; GUERRINI JÚNIOR, 2009: 125-126).

A estruturação de acervos musicais destinados ao estudo e à pesquisa, no Brasil, surgiu como uma demanda de bibliotecas e instituições de ensino governamentais e centralizadas, como o Instituto Nacional de Música (criado em 1890), o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (fundado em 1906) e instituições semelhantes em outras regiões. Essa tarefa, no entanto, só ganhou força com a criação da Discoteca Pública Municipal de São Paulo, em 1935 (SAMPIETRI, 2009), da Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1952 (O. P., 1953; MASSARANI, 1956; PEQUENO, 1968), e de seções análogas em grandes bibliotecas estaduais e municipais brasileiras, ainda que alguns institutos históricos e geográficos e bibliotecas já tivessem reunido coleções musicais por interesses locais e institucionais, como foi o caso do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Tais acervos foram constituídos não apenas por meio da compra de itens individuais e da reunião de itens das instituições precedentes, mas também pela incorporação de grandes coleções doadas por familiares de músicos falecidos ou responsáveis por corporações musicais extintas. Exemplos notórios são o recebimento da coleção Bento Fernandes das Mercês pelo Instituto Nacional de Música (COMPOSIÇÕES, 1898) e das coleções João Pedro Gomes Cardim, João Gomes de Araújo, Carlos de Campos e João Gomes Junior pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (CASTAGNA; MOURA, 2023). De fato, Mercedes Reis Pequeno deixou um testemunho de que, até fins da década de 1960, a documentação musical ainda era um assunto quase exclusivo de bibliotecas públicas ou de bibliotecas de conservatórios e escolas de música:

> Multipliquemos, portanto, as bibliotecas de música por todo o território nacional; que cada biblioteca estadual destaque sua coleção de música do acervo geral e a constitua em seção independente, complementada com partituras e gravações musicais. Não mais se admite hoje em dia uma biblioteca de música que não disponha desses três elementos conjugados: o livro, a partitura e a gravação musical.
> Que cada uma dessas seções cuide também de colecionar toda a documentação referente à vida musical de sua cidade ou estado; as obras musicais de compositores locais; documentação sobre organizações musicais que atuaram ou atuam na cidade ou região, etc., etc.
> Que todos os conservatórios e escolas de música se preocupem em organizar suas respectivas bibliotecas e se capacitem da importância de tal realização, colaborando com os professores e alunos, interessando-os na pesquisa e utilização de material bibliográfico existente na biblioteca, para que num futuro bem próximo, se possa sentir o resultado benéfico dessa estreita colaboração (PEQUENO, 1968: 4).

A criação de coleções musicais pessoais, no Brasil, foi um processo iniciado já em fins do século XIX, sendo os maiores colecionadores dessa fase Guilherme Theodoro Pereira de Mello, Mozart Araújo, Abrahão de Carvalho e Ricardo Cravo Albin, no Rio de Janeiro, e Francisco Curt Lange em relação a coleções originárias de Minas Gerais e São Paulo (REMIÃO, 2018), tendência posteriormente continuada com Hermelindo Castello Branco no Rio de Janeiro (SANTOS; SANTOS, 2017), padre Jaime Cavalcanti Diniz em Pernambuco, padre João Mohana no Maranhão (CERQUEIRA, 2018), Isaías Sávio, Ronoel Simões e Régis Duprat em São Paulo, entre muitos outros. Algumas dessas coleções resultaram da aquisição de itens individuais ou de coleções inteiras (Ronoel Simões, por exemplo, adquiriu a coleção Isaías Sávio) e, geralmente, tiveram orientação temática: enquanto Pereira de Mello e Castello Branco se interessaram por canções, Diniz, Mohana e Duprat visaram, principalmente, à música sacra e para banda, ao passo que Sávio e Simões reuniram quase somente música para violão. Várias coleções pessoais vêm sendo, progressivamente, incorporadas a instituições públicas ou privadas e disponibilizadas à pesquisa pública, especialmente nas últimas décadas, ainda que a maioria das coleções pessoais brasileiras não siga esse destino, ou já tenha sido alienada, dispersada e mesmo descartada ao longo do século XX.

Com base na classificação de Jon Bagüés (2008: 81-82) para arquivos institucionais, destacam-se, no Brasil, os de entidades interpretativas (como orquestras, coros, bandas, escolas de samba e conjuntos musicais de todo tipo), os de entidades educativas (escolas regulares, escolas livres de música, conservatórios, faculdades e universidades), os de entidades de imprensa e radiodifusão, os de teatros e salas e os de entidades produtoras, como fábricas de instrumentos musicais e casas editoras, às quais podemos acrescentar os arquivos de casas comerciais (de músicas e instrumentos), como a Casa Levy de São Paulo. Ainda que boa parte dos arquivos de instituições desse tipo tenha se perdido, há, no país, grandes e relevantes acervos relacionados a cada um dos exemplos de Bagüés, como veremos adiante.

Em termos quantitativos, destacam-se, da relação acima, os arquivos de orquestras e de bandas. De acordo com o levantamento de Camila Bomfim (2017: 421-423), a partir de dados publicados nas edições de 1998 a 2012 do *Guia VivaMúsica!*, o número de orquestras brasileiras de todo tipo (profissionais, jovens e amadoras, com ou sem subsídio público) variou, nesse período, de 167 a 236, sendo de 110 a 153 na Região Sudeste, o que posiciona cerca de 65% das orquestras brasileiras nesse espaço geográfico. Quanto às bandas, de acordo com os dados atuais da Fundação Nacional de Artes (Funarte) ([2021]), existem 3.093 bandas ativas no Brasil, sendo 1.315 na Região Sudeste, o que corresponde a 42,5% das bandas brasileiras, com a densidade de 1,5 banda por 100 mil habitantes, próxima à densidade média brasileira de 1,4 banda por 100 mil habitantes (Tabela 1).

Estado	População (em milhões)	Bandas de música	Porcentagem das bandas no Brasil	Bandas por 100 mil habitantes
Região Norte (N)				
Rondônia	1,8	32	1,5	1,7
Acre	0,9	6	0,2	0,7
Amazonas	4,2	28	0,9	0,7
Roraima	0,6	4	0,1	0,6
Pará	8,8	116	3,8	1,3
Amapá	0,9	5	0,2	0,6
Tocantins	1,6	33	1,1	2,1
Total da Região N	**18,9**	**224**	**7,2**	**1,2**
Região Nordeste (NE)				
Maranhão	7,2	47	1,5	0,7
Piauí	3,3	46	1,5	1,4
Ceará	9,2	221	7,2	2,4
Rio Grande do Norte	3,6	101	3,3	2,8
Paraíba	4,1	120	3,9	3,0
Pernambuco	97	123	4,0	1,3
Alagoas	3,4	58	1,9	1,7
Sergipe	2,3	46	1,5	2,1
Bahia	15,0	188	6,1	1,3
Total da Região NE	**57,7**	**950**	**30,7**	**1,6**

Estado	População (em milhões)	Bandas de música	Porcentagem das bandas no Brasil	Bandas por 100 mil habitantes
Região Sudeste (SE)				
Minas Gerais	21,4	809	26,2	3,8
Espírito Santo	4,1	54	1,7	1,3
Rio de Janeiro	17,5	205	6,6	1,2
São Paulo	46,7	247	8,0	0,5
Total da Região SE	**89,6**	**1.315**	**42,5**	**1,5**
Região Sul (S)				
Paraná	11,6	138	4,5	1,2
Santa Catarina	7,3	99	3,2	1,3
Rio Grande do Sul	11,5	170	5,5	1,5
Total da Região S	**30,4**	**407**	**13,2**	**1,3**
Região Centro-Oeste (CO)				
Mato Grosso do Sul	2,8	48	1,6	1,7
Mato Grosso	3,6	50	1,6	1,4
Goiás	7,2	88	2,8	1,2
Distrito Federal	3,1	11	0,4	0,4
Total da Região CO	**16,7**	**197**	**6,4**	**1,2**
Total do Brasil	**213,3**	**3.093**	**100,0**	**1,4**

Tab. 1: Número de bandas de música por estado e região brasileira, e a relação com suas populações, de acordo com o Projeto Bandas de Música da Funarte ([2021]) e com as estimativas populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ([2022]) para 1º de julho de 2021. Dados expressos com arredondamento até a primeira casa decimal.

Bandas e orquestras brasileiras ofereceram, desde meados do século XIX, não apenas entretenimento, cultura, ensino, trabalho e sociabilidade, mas também memória e patrimônio histórico, acumulando relevantes acervos musicográficos, organológicos, iconográficos, museológicos e documentais, frequentemente captando, por legado/herança, compra ou doação, coleções pessoais e arquivos de outras instituições. Por essa razão, é comum encontrar, em arquivos de tais corporações, documentos musicográficos anteriores mesmo à sua fundação e externos à sua prática musical atual, como a música sacra, para cineorquestra, para conjuntos de jazz e outros.

Ainda que, neste momento, não exista um levantamento sistemático da existência de documentos históricos em arquivos musicais dessas instituições, os resultados da pesquisa de Camila Bomfim (2017) e do Projeto Bandas de Música da Funarte ([2021]) permitem, ao menos, a localização das orquestras e bandas de cada estado, sendo importante que os pesquisadores considerem a consulta a acervos desse tipo para a realização de suas investigações. Apesar de representar 10,9% do território e abrigar 42,1% da população do país, a região Sudeste concentra cerca de 65% das orquestras e 42,5% das bandas brasileiras. Tendo em vista que, frequentemente, essas instituições preservam obras e fontes musicográficas provenientes de outras regiões brasileiras, é fundamental que o maior número possível de pesquisadores da história da música consulte seus arquivos históricos ou musicotecas. Para isso, é fundamental que tais bandas e orquestras, sejam públicas ou privadas, considerem a representatividade nacional dos seus acervos e a possibilidade de os manterem abertos à pesquisa e divulgarem o seu conteúdo em sistemas digitais.

4. Rio de Janeiro

O estado fluminense abriga acervos musicais bastante antigos, muitos deles criados quando a cidade do Rio de Janeiro era sede administrativa, inicialmente do Império e, depois, da República do Brasil. Essa é a razão pela qual a maioria desses acervos está localizada em sua capital (Quadro 1), diferentemente de outros estados da região Sudeste, que possuem acervos relevantes também no interior. Destacam-se, por isso, as organizações mantidas na capital pelo governo federal, como a Biblioteca Nacional (Figura 1), com inúmeras coleções históricas (AUBIN, 2016), o Arquivo Nacional (Figura 2), o Museu Histórico Nacional, o Museu Villa-Lobos (1965, 1974, 1989, 2009), o Centro de Documentação e Informação da Funarte e as bibliotecas das universidades federais, especialmente a Biblioteca Alberto Nepomuceno, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (Figura 3), cuja acumulação foi iniciada ainda no Conservatório Imperial de Música (inaugurado em 1848), e a Biblioteca do Centro de Letras e Artes, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que recebeu significativas coleções históricas, entre elas o arquivo Vera Janacópulos. Teria sido incluído nessa relação o Museu Nacional, caso o seu acervo não tivesse sido destruído no incêndio de 2018 e, com ele, entre outras, a mais antiga coleção de gravações em cilindros de música de grupos indígenas brasileiros que havia no país. Fora da cidade do Rio de Janeiro, destaca-se, entre as instituições federais, o Museu Imperial de Petrópolis (Figura 4).

Cidade	Nome	Entidade Mantenedora
Campos dos Goytacases	Fonoteca e Hemeroteca da Casa de Cultura Villa Maria	Universidade Estadual Norte Fluminense
Petrópolis	Arquivo Histórico do Museu Imperial	IPHAN/Rio de Janeiro
Petrópolis	Biblioteca do Instituto Teológico Franciscano	Instituto Teológico Franciscano
Rio de Janeiro	Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro	Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Arquivo da Igreja da Candelária	Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Arquivo do Mosteiro de São Bento	Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro	Secretaria Municipal das Culturas do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Arquivo Nacional	Governo Federal
Rio de Janeiro	Banco de Partituras de Música Brasileira	Academia Brasileira de Música
Rio de Janeiro	Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Bibliotecas da Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Bibliotecas da Universidade Federal Fluminense	Universidade Federal Fluminense
Rio de Janeiro	Centro Cultural Banco do Brasil	Banco do Brasil
Rio de Janeiro	Centro de Documentação e Informação da Fundação Nacional de Arte	Ministério da Cultura
Rio de Janeiro	Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional	Fundação Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro	Grupo Musical Jongo da Serrinha	Grupo Musical Jongo da Serrinha (ONG)
Rio de Janeiro	Grupo Recreativo Cacique de Ramos	Cacique de Ramos (ONG)
Rio de Janeiro	Instituto Cultural Cravo Albin	Instituto Cultural Cravo Albin (ONG)
Rio de Janeiro	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Rio de Janeiro	Instituto Jacob do Bandolim	Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Museu de História e Arte do Estado do Rio de Janeiro, IPHAN/Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Instituto Moreira Salles	Itaú Unibanco Holding S.A.
Rio de Janeiro	Museu Carmem Miranda	Governo do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro	Fundação Museu da Imagem e do Som do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro	Museu Histórico Nacional	Governo Federal
Rio de Janeiro	Museu Villa-Lobos	IPHAN e Ministério da Cultura

Quadro 1: Acervos musicais do estado do Rio de Janeiro. Elaborado pelo autor.

Fig. 1: Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, que abrigou a Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Fundação Biblioteca Nacional. Fonte: Commons Wikimedia.

Fig. 2: Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Fonte: Commons Wikimedia.

Fig. 3: Escola de Música da UFRJ, Rio de Janeiro, que abriga a Biblioteca Alberto Nepomuceno. Fonte: Commons Wikimedia.

Fig. 4: Museu Imperial, Petrópolis. Fonte: Commons Wikimedia.

Entre os acervos religiosos fluminenses de maior interesse, estão, em Petrópolis, a Biblioteca do Instituto Teológico Franciscano (DUARTE, 2016: 494) e, no Rio de Janeiro, o Arquivo da Igreja da Candelária e o Arquivo do Mosteiro de São Bento (Figura 5), ainda que outras igrejas e irmandades possuam acervos menores, não organizados ou não abertos à pesquisa. O maior acervo católico de interesse musical nesse estado é o Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro (Figura 6), que, além de registros históricos da atividade musical, abriga o Acervo Musical do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro (CARDOSO, 2001, 2004. HAZAN, 2004. MONTEIRO NETO; HAZAN; COTTA, 2008), com documentos remanescentes da antiga Capela Imperial (salvos do descarte atribuído ao então vigário-geral da Arquidiocese do Rio de Janeiro, dom Carlos Duarte Costa), inteiramente disponibilizado em formato digital *online*, desde 2005.

Fig. 5: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Fonte: Commons Wikimedia.

Fig. 6: Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, situado no subsolo da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro. Foto do autor.

Outros acervos de destaque do estado do Rio de Janeiro para a pesquisa na área de música são a Fonoteca e Hemeroteca da Casa de Cultura Villa Maria, de Campos dos Goytacases (que recebeu, entre outros, o acervo José Carlos Ligiéro), e, na capital, o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Banco de Partituras de Música Brasileira da Academia Brasileira de Música e o Centro Cultural Banco do Brasil, que preserva, entre outros, o acervo Mozart de Araújo. Particularmente relevantes para a música popular e tradicional, na cidade do Rio de Janeiro, são os arquivos e repositórios do Grupo Musical Jongo da Serrinha, do Grupo Recreativo Cacique de Ramos, do Instituto Cultural Cravo Albin, do Instituto Jacob do Bandolim, do Instituto Moreira Salles (que adquiriu a coleção José Ramos Tinhorão), do Museu Carmem Miranda e do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (Figura 7), que abriga as coleções Abel Ferreira, Almirante, Augusto Malta, Braguinha, Discoteca do Distrito Federal, Dorival Caymmi, Guilherme Santos, Herivelto Martins, Jairo Severiano e João Araújo.

Fig. 7: Segunda sede do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, na Praça XV.
Fonte: Commons Wikimedia.

5. São Paulo

O estado de São Paulo conta com mapeamentos relativamente amplos de museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação, como o *Guia dos documentos históricos na cidade de São Paulo, 1554-1954*, de Paula Porta Fernandes *et al.* (1998), e o *Guia cultural do estado de São Paulo*, da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, do estado de São Paulo (2001a-f), além dos referidos guias nacionais, o que facilita a localização e obtenção de dados sobre acervos desse tipo.

Historicamente, as primeiras instituições destinadas a receber e organizar de forma sistemática a documentação musical de interesse público na capital paulista foram a antiga Biblioteca do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, fundada em 1906 (hoje em processamento no Centro de Documentação e Memória da Fundação Theatro Municipal de São Paulo) (Figura 8), a Discoteca Pública Municipal (hoje, Discoteca Oneyda Alvarenga), fundada em 1935 (CARLINI, 2000. SAMPIETRI, 2009), e o Museu da Imagem e do Som de São Paulo, fundado em 1970.

Embora concentrados na capital, acervos paulistas de interesse musical também existem em várias cidades da Região Metropolitana de São Paulo e do interior do estado, como revela o Quadro 2.

Cidade	Nome	Entidade mantenedora
Atibaia	Museu Municipal João Batista Conti	Secretaria Municipal de Cultura de Atibaia
Bauru	Museu da Imagem e do Som de Bauru	Secretaria Municipal de Cultura de Bauru
Campinas	Biblioteca do Conservatório Carlos Gomes	Conservatório Carlos Gomes
Campinas	Bibliotecas da Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Campinas	Coordenação de Documentação de Música Contemporânea	Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural da Universidade Estadual de Campinas
Campinas	Museu Carlos Gomes	Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas
Campinas	Museu da Imagem e do Som de Campinas	Secretaria Municipal de Cultura de Campinas
Campos do Jordão	Museu da História da Imagem e do Som	Secretaria Municipal de Cultura de Campos do Jordão
Franca	Museu da Imagem e do Som Bonaventura Cariolato	Secretaria Municipal de Cultura de Franca
Guaratinguetá	Arquivo histórico do Museu Frei Galvão	Centro Social e Amigos do Museu Frei Galvão

Cidade	Nome	Entidade mantenedora
Guarulhos	Biblioteca do Conservatório Municipal de Guarulhos	Secretaria Municipal de Cultura de Guarulhos
Itu	Museu da Música de Itu	Instituto Cultural de Itu
Jundiaí	Museu Histórico e Cultural de Jundiaí Solar do Barão	Secretaria Municipal de Cultura de Jundiaí
Lençóis Paulista	Biblioteca Municipal Orígenes Lessa	Secretaria Municipal de Cultura de Lençóis Paulista
Mogi das Cruzes	Arquivo Histórico Municipal	Secretaria Municipal de Cultura de Mogi das Cruzes
Pindamonhangaba	Centro de Memória Barão Homem de Mello	Secretaria Municipal de Cultura de Pindamonhangaba
Piracicaba	Biblioteca da Escola de Música de Piracicaba Maestro Ernst Mahle	Universidade Metodista de Piracicaba
Piracicaba	Museu da Imagem e do Som de Piracicaba	Secretaria Municipal de Cultura de Piracicaba
Ribeirão Preto	Arquivo histórico da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto	Associação Musical de Ribeirão Preto
Ribeirão Preto	Biblioteca Central do *campus* de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo	Universidade de São Paulo
Ribeirão Preto	Museu da Imagem e do Som da cidade de Ribeirão Preto	Secretaria Municipal de Cultura de Ribeirão Preto
Santa Bárbara d'Oeste	Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste	Secretaria Municipal de Cultura de Santa Bárbara d'Oeste
Santa Rita do Passa Quatro	Museu Histórico Zequinha de Abreu	Secretaria Municipal de Cultura de Santa Rita do Passa Quatro
Santana de Parnaíba	Museu Parnaibano de Música Bendito Antônio Pedroso	Secretaria Municipal de Cultura de Santana de Parnaíba
Santos	Museu da Imagem e do Som de Santos	Secretaria Municipal de Cultura de Santos
São Caetano do Sul	Biblioteca do Conservatório Musical de São Caetano do Sul	Conservatório Musical de São Caetano do Sul
São Caetano do Sul	Biblioteca da Fundação das Artes de São Caetano do Sul	Fundação das Artes de São Caetano do Sul
São José dos Campos	Centro de Documentação Musical de São José dos Campos	Sociedade de Cultura e Educação Musical; e Associação para o Fomento da Arte e da Cultura
São Paulo	Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo)	Arquidiocese de São Paulo

Cidade	Nome	Entidade mantenedora
São Paulo	Arquivo do Museu de Arte Sacra de São Paulo	Governo do Estado de São Paulo
São Paulo	Arquivo do Museu Paulista	Universidade de São Paulo
São Paulo	Arquivo Público do Estado de São Paulo	Governo do Estado de São Paulo
São Paulo	Associação Cultural Cachuera!	Associação Cultural Cachuera! (ONG)
São Paulo	Biblioteca Irmã Sophia Marchetti	Faculdade Santa Marcelina
São Paulo	Biblioteca da Casa de Portugal de São Paulo	Consulado de Portugal em São Paulo
São Paulo	Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes	Universidade de São Paulo
São Paulo	Biblioteca da Escola Municipal de Música	Fundação Theatro Municipal de São Paulo
São Paulo	Biblioteca da Escola de Música do Estado de São Paulo Tom Jobim	Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo
São Paulo	Bibliotecas da Faculdade e Conservatório Musical Souza Lima	Associação de Ensino Superior de Música
São Paulo	Biblioteca do Instituto de Artes	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
São Paulo	Biblioteca do Mosteiro de São Bento	Mosteiro de São Bento de São Paulo
São Paulo	Biblioteca Latino-Americana Victor Civita	Fundação Memorial da América Latina
São Paulo	Biblioteca Municipal Mário de Andrade	Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo
São Paulo	Centro Cultural São Paulo	Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo
São Paulo	Centro de Documentação e Memória	Fundação Theatro Municipal de São Paulo
São Paulo	Centro de Documentação e Referência do Instituto Itaú Cultural	Itaú Unibanco Holding S.A.
São Paulo	Centro de Documentação Musical Maestro Eleazar de Carvalho	Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
São Paulo	Cinemateca Brasileira	Governo federal
São Paulo	Discoteca Oneyda Alvarenga	Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo
São Paulo	Escola Magda Tagliaferro	Fundação Escola Magda Tagliaferro
São Paulo	Igreja das Chagas do Seráfico Pai São Francisco	Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de São Paulo

Cidade	Nome	Entidade mantenedora
São Paulo	Instituto de Estudos Brasileiros	Universidade de São Paulo
São Paulo	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
São Paulo	Instituto Moreira Salles	Itaú Unibanco Holding S.A.
São Paulo	Museu da Imagem e do Som do estado de São Paulo	Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo
São Paulo	Museu da Obra Salesiana no Brasil	Inspetoria Salesiana de São Paulo
São Paulo	Pinacoteca de São Paulo	Governo do Estado de São Paulo
São Paulo	Rádio e Televisão Cultura	Fundação Padre Anchieta
São Roque	Centro de Memória da Corporação Musical Liberdade de São Roque	Secretaria Municipal de Cultura de São Roque
Sorocaba	Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Sorocaba Com. Luiz Almeida Marins	Arquidiocese de Sorocaba
Tatuí	Biblioteca do Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos	Governo do Estado de São Paulo
Taubaté	Museu da Imagem e do Som de Taubaté	Secretaria Municipal de Cultura de Taubaté
Tietê	Museu Histórico e Pedagógico Cornélio Pires	Secretaria Municipal de Cultura de Tietê

Quadro 2: Acervos musicais do estado de São Paulo. Elaborado pelo autor.

De caráter igualmente sistemático, embora com temática ampla, são a Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) (GONÇALVES, 1995); o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP) (Figura 9); a Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes (ECA), também da USP (MAMMI, 2000) (Figura 10); a Biblioteca do Instituto de Artes (IA), da Unesp; o Centro Cultural São Paulo (CCSP) (CARLINI, 2000, 2006); o Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP); as coleções da Coordenação de Documentação de Música Contemporânea da Unicamp; e os acervos da Faculdade e Conservatório Musical Souza Lima e do *campus* de Ribeirão Preto da USP. Tais instituições constituíram relevantes acervos bibliográficos, musicográficos e audiovisuais, inclusive com a incorporação de acervos pessoais e institucionais, como nos casos da coleção Alexandre Levy pelo IHGSP; das coleções Mário de Andrade, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, Marcelo Tupinambá, Família Levy (RÖHL, 2018) e Ivan Lins pelo IEB-USP; das coleções de música sacra mineira, dos arquivos Henrique Oswald, Fructuoso Vianna, Fúrio Franceschini, Lycia de Biase Bidart e Gilberto Mendes pela Biblioteca da ECA-USP; das coleções Ronoel Simões e Missão de Pesquisas Folclóricas, e do arquivo Martin Braunwieser pela Discoteca Oneyda Alvarenga, do CCSP; do arquivo da Banda São Benedito de São Luís do Paraitinga pelo APESP (BINDER, 2004); dos acervos de bandas extintas da região de Ribeirão Preto no *campus* local da USP; e de parte dos arquivos Fúrio Franceschini e Spartaco Rossi pela Biblioteca do IA-Unesp.

Quanto aos acervos de instituições de ensino musical, destacam-se, inicialmente, os de conservatórios e escolas livres, como os do Conservatório Carlos Gomes de Campinas, do Conservatório Municipal de Guarulhos, da Escola de Música de Piracicaba, do Conservatório Musical de São Caetano do Sul, da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, da Faculdade Santa Marcelina, da Escola de Música do Estado de São Paulo (EMESP) Tom Jobim, da Escola Municipal de Música de São Paulo, da Escola Magda Tagliaferro de São Paulo e do Conservatório Dramático e Musical de Tatuí, além dos acervos de faculdades e universidades, como a Biblioteca do Instituto de Artes da Unicamp e as já referidas bibliotecas da ECA-USP e do IA-Unesp.

Fig. 8: Praça das Artes, São Paulo, na qual funciona o Centro de Documentação e Memória da Fundação Theatro Municipal de São Paulo. Fonte: Commons Wikimedia.

Fig. 9: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Fonte: Commons Wikimedia.

Fig. 10: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, tendo ao centro a entrada da biblioteca. Fonte: Commons Wikimedia.

Os acervos paulistas de instituições religiosas estão organizados em bibliotecas, arquivos e museus, com destaque para a Biblioteca do Mosteiro de São Bento de São Paulo; o arquivo musical da Igreja das Chagas do Seráfico Pai São Francisco (antiga Ordem Terceira de São Francisco) (Figura 11); a seção de música do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (CASTAGNA, 1999) (Figura 12), que, entre outros, abriga o antigo arquivo musical da Catedral de São Paulo e coleções pessoais de destaque, como a do padre João Lyrio Tallarico; e a seção de música do Arquivo do Museu de Arte Sacra de São Paulo (que, quando de sua fundação, em 1970, recebeu documentos musicográficos do Arquivo da Cúria de São Paulo).

Fig. 11: Igreja das Chagas do Seráfico Pai São Francisco de São Paulo e instalações da Ordem Terceira de São Francisco, à direita. Fonte: Commons Wikimedia.

Fig. 12: Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo). Foto do autor.

Museus com relevantes acervos musicais são, na capital, o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, também conhecido como Museu do Ipiranga (com fontes musicográficas de distintas procedências no arquivo da instituição), a Pinacoteca de São Paulo, o Museu da Obra Salesiana no Brasil (com grande número de fontes musicográficas usadas em escolas salesianas brasileiras) e o já referido Museu de Arte Sacra. No interior, destacam-se o Museu Municipal João Batista Conti, de Atibaia; o Museu Carlos Gomes do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, que preserva os arquivos de Manoel José Gomes e Santana Gomes (NOGUEIRA, 1997; 2000); o arquivo histórico do Museu Frei Galvão, de Guaratinguetá; o Museu da Música, de Itu (SERGL, 2006); o Museu Histórico e Cultural de Jundiaí; o Museu Histórico Zequinha de Abreu, de Santa Rita do Passa Quatro; o Museu Parnaibano de Música Bendito Antônio Pedroso, de Santana de Parnaíba; o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Sorocaba (Figura 13) (com manuscritos e impressos musicais que pertenceram à família Marins); e o Museu Histórico e Pedagógico Cornélio Pires, de Tietê.

Fig. 13: Catedral de Sorocaba, na qual funciona o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Sorocaba Com. Luiz Almeida Marins. Foto do autor.

Também intitulados museus, mas do tipo museu da imagem e do som, são de destaque os de Bauru, Campinas, Campos do Jordão, Franca, Piracicaba, Ribeirão Preto, Santos e Taubaté, todos administrados pelas respectivas municipalidades. Com relação às bibliotecas públicas, abrigam acervos de interesse à pesquisa musicológica instituições como a Biblioteca Municipal Orígenes Lessa, em Lençóis Paulista, e a Biblioteca da Casa de Portugal, a Biblioteca Latino-Americana Victor Civita e a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, todas na capital, além das inúmeras bibliotecas municipais que, eventualmente, possuam itens relacionados à música.

Arquivos e centros de memória municipais com relevantes acervos musicográficos são o Arquivo Histórico Municipal de Mogi das Cruzes, que recebeu o "Grupo de Mogi das Cruzes" (DUPRAT, TRINDADE, 1986/1987. TRINDADE, CASTAGNA, 1997. CASTAGNA, 2002); o Centro de Memória Barão Homem de Mello, de Pindamonhangaba, que recebeu o Arquivo João Antônio Romão (CASTAGNA, 2020); o Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste; e o Centro de Documentação Musical de São José dos Campos (Figura 14), que recebeu o Arquivo Maestro Cunha. Destinados à preservação de acervos de instituições específicas são, no interior, o Centro de Memória da Corporação Musical Liberdade de São Roque e o arquivo histórico da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto (HADDAD, FERRAZ JÚNIOR, 2013); na capital, destaca-se o Centro de Documentação Musical Maestro Eleazar de Carvalho da Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), que também recebeu acervos de origem externa, como o arquivo Oswaldo Lacerda.

Completam esta relação instituições culturais e privadas com acervos relacionados, especialmente, à música popular e tradicional, como a Associação Cultural Cachuera!, o Centro de Documentação e Referência do Instituto Itaú Cultural e o Instituto Moreira Salles, todos na cidade de São Paulo, além dos arquivos artísticos da Rádio e Televisão Cultura, da Fundação Padre Anchieta.

Fig. 14: Pavilhão Marina Crespi, Parque Vicentina Aranha, São José dos Campos, no qual funciona o Centro de Documentação Musical de São José dos Campos. Foto: Divulgação/Associação para o Fomen-to da Arte e da Cultura (AFAC).

6. Minas Gerais

Minas Gerais é o estado do Sudeste que apresenta a maior distribuição geográfica de acervos musicais, com pequena concentração tanto na capital antiga (Ouro Preto) quanto na atual (Belo Horizonte), e predomínio de acervos de música sacra e de banda (Quadro 3). Instituições referenciais acumularam ou receberam coleções de documentos musicográficos históricos e/ou bibliografia rara de interesse para a pesquisa musicológica, como o Colégio do Caraça, fundado em 1820 (hoje Santuário do Caraça, em Catas Altas); o Arquivo Público Mineiro, criado em 1895; os conservatórios estaduais de música de Minas Gerais, fundados na década de 1950; e a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, fundada em 1954. Contudo, a primeira instituição mineira especificamente criada para esse fim foi o Museu da Música de Mariana (RIBEIRO, 1966. PENALVA, 1972, 1973. REZENDE FONSECA, [1986]. VIDIGAL, [1986]. CASTAGNA, 2010, 2013) (Figura 15), oficialmente fundado em 1973, mas com raízes na organização do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana em 1965. A criação do Museu da Música, pelo arcebispo dom Oscar de Oliveira, foi um marco na musicologia mineira e brasileira, que estimulou

a realização de inúmeros projetos e a criação de instituições com características semelhantes em outros estados da federação, como os Museus da Música de Itu-SP, Timbó-SC, Salvador-BA e outros.

Cidade	Nome	Entidade mantenedora
Araguari	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música	Governo do Estado de Minas Gerais
Baependi	Casa da Cultura Filomena Leite e Biblioteca Municipal de Baependi	Secretaria Municipal de Cultura de Baependi
Barão de Cocais	Arquivo da Banda Santa Cecília	Secretaria Municipal de Cultura de Barão de Cocais
Belo Horizonte	Acervo Curt Lange	Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte	Arquivo Público Mineiro	Governo do Estado de Minas Gerais
Belo Horizonte	Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa	Governo do Estado de Minas Gerais
Belo Horizonte	Centro de Pesquisa e Núcleo de Acervos da Escola de Música da UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
Belo Horizonte	Biblioteca da Fundação de Educação Artística	Associação de Amigos da Fundação - Flama
Belo Horizonte	Biblioteca do Instituto Cultural Amilcar Martins	Instituição cultural privada
Belo Horizonte	Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte	Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte
Carandaí	Arquivo da Corporação Musical Santa Cecília	Corporação Musical Santa Cecília
Carangola	Museu Histórico Municipal	Secretaria Municipal de Cultura de Carangola
Cássia	Coleção Heitor Combat	Centro Musical Heitor Combat
Catas Altas	Biblioteca do Santuário do Caraça	Santuário do Caraça
Curvelo	Acervo Municipal Newton Corrêa	Secretaria Municipal de Cultura de Curvelo
Diamantina	Biblioteca Antônio Torres	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Minas Gerais
Diamantina	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita	Governo do Estado de Minas Gerais
Diamantina	Seção de Música do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina	Arquidiocese de Diamantina
Itabira	Arquivo da Sociedade Musical Euterpe Itabirana	Sociedade Musical Euterpe Itabirana
Itapecerica	Arquivo da Corporação Musical Nossa Senhora das Dores	Corporação Musical Nossa Senhora das Dores
Itapecerica	Arquivo da Corporação Musical Santa Cecília	Corporação Musical Santa Cecília
Ituiutaba	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música Doutor José Zóccoli de Andrade	Governo do Estado de Minas Gerais
Juiz de Fora	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música Haydée França Americano	Governo do Estado de Minas Gerais
Juiz de Fora	Bibliotecas da UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora	Museu da Imagem e do Som da FUNALFA	Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage
Leopoldina	Conservatório Estadual de Música Lia Salgado	Governo do Estado de Minas Gerais
Mariana	Arquivo da Corporação Musical Santa Cecília (Passagem de Mariana)	Corporação Musical Santa Cecília
Mariana	Arquivo da Corporação Musical São Sebastião (Passagem de Mariana)	Corporação Musical Santa Cecília
Mariana	Arquivo Histórico do Instituto de Ciências Humanas e Sociais	Universidade Federal de Ouro Preto
Mariana	Centro de Memória da Sociedade Musical União XV de Novembro	Sociedade Musical União XV de Novembro
Mariana	Museu da Música de Mariana	Cúria Metropolitana de Mariana
Montes Claros	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez	Governo do Estado de Minas Gerais
Nazareno	Arquivo da Banda Municipal de Nazareno	Secretaria Municipal de Cultura de Nazareno
Ouro Preto	Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar	Paróquia do Pilar de Ouro Preto
Ouro Preto	Banda Euterpe Cachoeirense	Instituição cultural privada
Ouro Preto	Biblioteca do Departamento de Música	Universidade Federal de Ouro Preto
Ouro Preto	Casa dos Contos	Ministério da Economia
Ouro Preto	Seção de Música do Museu da Inconfidência	Ministério da Cultura; e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Minas Gerais
Piranga	Arquivo da Corporação Musical Santa Cecília	Corporação Musical Santa Cecília
Pouso Alegre	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música de Pouso Alegre Juscelino Kubitschek	Governo do Estado de Minas Gerais
Prados	Arquivo da Lira Ceciliana	Lira Ceciliana
Sabará	Arquivo da Sociedade Musical Santa Cecília	Sociedade Musical Santa Cecília
Santa Luzia	Casa de Cultura de Santa Luzia/Museu Histórico Aurélio Dolabella	Secretaria Municipal de Cultura de Santa Luzia
São João del-Rei	Arquivo da Orquestra Ribeiro Bastos	Orquestra Ribeiro Bastos
São João del-Rei	Arquivo da Orquestra Lira Sanjoanense	Orquestra Lira Sanjoanense
São João del-Rei	Biblioteca do Conservatório Musical Padre José Maria Xavier	Governo do Estado de Minas Gerais
São João del-Rei	Bibliotecas da Universidade Federal de São João del-Rei	Universidade Federal de São João del-Rei
São João del-Rei	Coleção Aluízio José Viegas	Orquestra Lira Sanjoanense

Cidade	Nome	Entidade mantenedora
São João del-Rei	Fundação Centro de Referência Musicológica Professor José Maria Neves	Universidade Federal de São João del-Rei
São João del-Rei	Fundação Koellreutter	Universidade Federal de São João del-Rei
Tiradentes	Arquivo da Orquestra Ramalho	Orquestra Ramalho
Tiradentes	Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes	Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes
Uberaba	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi	Governo do Estado de Minas Gerais
Uberlândia	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli	Governo do Estado de Minas Gerais
Varginha	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga	Governo do Estado de Minas Gerais
Viçosa	Centro de Documentação Musical de Viçosa	Projeto independente
Visconde do Rio Branco	Biblioteca do Conservatório Estadual de Música Prof. Theodolino José Soares	Governo do Estado de Minas Gerais

Quadro 3: Acervos musicais do estado de Minas Gerais. Elaborado pelo autor.

Fig. 15: Palácio da Olaria ou Palácio dos Bispos, Mariana, terceira sede do Museu da Música. Foto do autor.

Fig. 16: Museu da Inconfidência, Ouro Preto. Fonte: Commons Wikimedia.

Somaram-se ao Museu da Música de Mariana, na proteção aos acervos musicográficos, instituições públicas como o Museu da Inconfidência, de Ouro Preto (Figura 16), e a Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, que, nas décadas de 1980 e 1990, receberam, a primeira delas, as coleções Curt Lange (DUPRAT, 1989. MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, 1991, 1994, 2002), José Luiz Pompeu da Silva (Campanha-MG) e Joaquim Nunes de Carvalho (Pitangui-MG), e a segunda, o Acervo Curt Lange (TUGNY, 2002. COTTA, 2004a, 2006). Somam-se a estas o Arquivo Histórico do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (Figura 17), a Biblioteca do Departamento de Música da mesma universidade (que recebeu o arquivo Ubirajara Cabral); a Casa dos Contos, de Ouro Preto; a Casa de Cultura e Museu Histórico Aurélio Dolabella, de Santa Luzia; a Casa da Cultura e Biblioteca Municipal de Baependi; a Biblioteca Antônio Torres, de Diamantina; o Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes (CARDOSO, 2015); o Centro de Pesquisa e Núcleo de Acervos da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) (que recebeu os acervos Vespasiano Gregório dos Santos, Chico Aniceto, Francisco Passos, Georges e Ana Maria Vincent, Lodi, Hostílio Soares, Delza Gonçalves e Rádio Inconfidência); a Biblioteca da Fundação de Educação Artística, de Belo Horizonte (que recebeu os acervos Eládio Pérez-González, Maura Moreira, Lilly Kraft, Berenice Menegale e Rufo Herrera), o Museu Histórico Municipal, de Carangola (PIMENTEL, 2016); o Acervo Municipal Newton Corrêa, de Curvelo; a

Fundação Koellreutter e a Fundação Centro de Referência Musicológica Professor José Maria Neves, ambas da Universidade Federal de São João del-Rei, a segunda destinatária do arquivo José Maria Neves, da coleção Tarcísio Nascimento Teixeira, da coleção João Onofre de Souza, do arquivo Presciliano e Firmino Silva e da coleção Fernand Jouteux.

Fig. 17: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, em Mariana. Foto: Maria José Ferro de Souza.

Fig. 18: Secretaria Municipal de Cultura de Curvelo, que abriga o Acervo Municipal Newton Corrêa (no antigo edifício da Estrada de Ferro Central do Brasil). Foto do autor.

Merecem igual destaque, na proteção de acervos musicográficos, outras instituições mineiras, públicas, privadas ou religiosas, como o Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, de Ouro Preto; o Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina (que recebeu os acervos musicais doados à Associação do Pão de Santo Antônio, da mesma cidade) (SALLES, 1973; ARCHANJO, 2017) (Figura 18); o Centro Musical Heitor Combat, de Cássia (Figura 19); o Centro de Documentação Musical de Viçosa (FONSECA, 2004); as bibliotecas das universidades federais e da Universidade do Estado de Minas Gerais; e os Museus da Imagem e do Som de Belo Horizonte e da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA) (Juiz de Fora). Instituições sem acervos musicográficos, mas com bibliografia relevante para a pesquisa musicológica, são a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa e a Biblioteca do Instituto Cultural Amilcar Martins, ambas em Belo Horizonte.

Fig. 19: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina. Foto do autor.

Fig. 20: Centro Musical Heitor Combat, Cássia. Foto do autor.

Em relação às corporações musicais, além de ser o estado da federação com o seu maior número absoluto (809 instituições, o que representa 26,2% de todas as corporações musicais no Brasil) e de possuir a maior densidade junto à população do país (3,8 bandas por 100 mil habitantes), conforme a Tabela 1, Minas Gerais é o estado brasileiro que mais apresenta arquivos históricos de instituições desse tipo relativamente organizados para permitir a pesquisa. Destacam-se, por esse critério, os acervos da Banda Santa Cecília, de Barão de Cocais (GUIMARÃES *et al.*, 2012); da Corporação Musical Santa Cecília, de Carandaí; da Sociedade Musical Euterpe Itabirana (COTTA, 1998, 2004b); da Corporação Musical Nossa Senhora das Dores e da Corporação Musical Santa Cecília, ambas de Itapecerica; da Corporação Musical Santa Cecília e da Corporação Musical São Sebastião, ambas de Passagem de Mariana; da Sociedade Musical União XV de Novembro, de Mariana; da Banda Municipal de Nazareno; da Banda Euterpe Cachoeirense; da Corporação Musical Santa Cecília, de Piranga; da Lira Ceciliana, de Prados (DIAS, 2004); da Sociedade Musical Santa Cecília, de Sabará; da Orquestra Ramalho, de Tiradentes; da Orquestra Lira Sanjoanense (Figura 20, à esquerda) e da Orquestra Ribeiro Bastos (Figura 20, à direita), ambas de São João del-Rei.

Fig. 21: Trecho da Rua Santo Antônio, em São João del-Rei, na qual se situam as sedes da Orquestra Lira Sanjoanense (à esquerda, em primeiro plano) e da Orquestra Ribeiro Bastos (à direita, edifício de dois andares). Foto do autor.

7. Espírito Santo

O Espírito Santo é o estado com o menor número de acervos musicais conhecidos na região Sudeste (Quadro 4), em parte devido à falta de prospecções mais amplas, ainda que algumas já tenham sido realizadas (FONSECA, 2006. DUARTE, 2016). Além das corporações musicais, principalmente as 54 bandas capixabas em atividade, e das bibliotecas do Sesc, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e da Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), destacam-se, nesse estado, a coleção de impressos musicográficos que pertenceu ao primeiro arcebispo de Vitória, dom João Batista da Mota e Albuquerque (DUARTE, 2016: 241-242) – dividida entre a Biblioteca do Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora da Penha e o Centro de Documentação na Mitra Arquidiocesana – e o arquivo musical da antiga Banda do Rosário, pertencente ao Museu de São Benedito do Rosário, junto à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, de Vitória (Figura 21). De acordo com os pesquisadores que já se dedicaram a esse acervo (DIAS, SECOMANDI, 2006; DIAS, FONSECA, SECOMANDI, 2008), lá existem 233 títulos de obras em manuscritos datados de 1902 a 1928 (DIAS, SECOMANDI, 2010: 128).

Cidade	Nome	Entidade mantenedora
Vitória	Arquivo musical da Banda do Rosário	Irmandade de São Benedito de Vitória
Vitória	Centro de Documentação na Mitra Arquidiocesana de Vitória	Arquidiocese de Vitória
Vitória	Biblioteca do Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora da Penha	Arquidiocese de Vitória
Vitória	Bibliotecas da Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória	Biblioteca Jones dos Santos Neves	Faculdade de Música do Espírito Santo Maurício de Oliveira

Quadro 4: Acervos musicais do estado do Espírito Santo. Elaborado pelo autor.

Fig. 22: Igreja de Nossa Senhora do Rosário, de Vitória. Foto do autor.

8. Reprodução e difusão da informação

Ao longo do tempo, sucessivos acidentes (especialmente incêndios) acarretaram a perda total ou parcial de acervos de grande relevância para a área de música – o que demonstra, na prática, a necessidade de uma política de reprodução de documentos, arquivos e coleções para a preservação do seu conteúdo. Esta, contudo, tem sido uma tarefa de lento desenvolvimento no Brasil, o que mantém em permanente risco a salvaguarda da informação de grande parte dos acervos históricos que chegaram ao presente. Tal lentidão se manifesta tanto na recepção, na difusão e no desenvolvimento de tecnologias de reprodução, quanto no pequeno número de projetos destinados à reprodução de acervos, o que também limita consideravelmente o seu acesso por parte dos interessados e mantém a necessidade de pesquisa presencial na quase totalidade dos acervos brasileiros de interesse musical.

Antes de abordar as questões históricas, é importante distinguir as estratégias de preservação da informação das de preservação dos documentos físicos. As primeiras adotam a transferência da informação de um ou mais documentos para outros meios ou suportes, ao passo que as segundas têm o objetivo de preservar o documento físico como um todo, o que inclui seu suporte original e a informação que foi nele codificada,

pela aplicação de substâncias líquidas ou sólidas (tinta, grafite, carvão e outras aplicadas em pedra, madeira, papiro, pergaminho, papel, tela etc.), pela gravação em metal, entalhe e escultura em madeira ou em rocha (alto relevo ou baixo relevo). Se a transferência da informação é feita a partir de um rápido ou episódico contato com o original, a preservação do documento físico implica o emprego de ações e protocolos duradouros, objetivando prolongar ao máximo sua existência, por meio de formas adequadas de manuseio e de intervenções físicas e químicas que visam a evitar extravio, danos e destruição, bem como a retardar o seu desgaste e degradação.

O método mais antigo de preservação da informação de documentos bidimensionais foi a cópia manuscrita e/ou a impressão em editoras convencionais, o que, obviamente, sempre foi orientado pelos interesses dos autores, copistas, editores, entidades financiadoras e dos próprios usuários. Mesmo assim, esse tipo de procedimento não garantiu, de forma integral, a transmissão ao presente de toda a música produzida no passado, principalmente devido à baixa tiragem das cópias e impressões ou à sua perda ao longo do tempo, mas, sobretudo, ao caráter seletivo de tais ações, que fez com que a maior parte da música notada em séculos anteriores não tenha passado por esse processo. Além disso, a falta de projetos de preservação dessas reproduções também acarretou a perda desses itens e, com eles, da informação dos originais mais antigos.

A duplicação química e mecânica da informação de documentos começou a ser praticada já no século XIX, inicialmente por meio da fotografia e de técnicas análogas, mas seu alto custo fez com que isso fosse aplicado somente a casos específicos, e não a grandes conjuntos documentais. O microfilme e a microficha representaram a primeira tecnologia responsável por acelerar a reprodução da informação de documentos bidimensionais em todo o mundo, ainda considerado, por muitos, os métodos mais seguros e eficientes de armazenamento de imagens em larga escala. Embora também patenteado no século XIX, o microfilme começou a ser internacionalmente usado durante a Primeira Guerra Mundial, inicialmente para fins políticos e militares, popularizando-se, a partir da década de 1920, como o principal sistema de reprodução de itens em bibliotecas e arquivos de todo o mundo.

O primeiro documento musicográfico brasileiro microfilmado foi o manuscrito autógrafo da *Sinfonia n. 1*, de Camargo Guarnieri, reproduzido em 1944 para ser enviado aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial ([OLIVEIRA], 1944: 14. VIDAL, 2006: 89). Nas décadas seguintes, poucos acervos musicais receberam esse tipo de reprodução, destacando-se, entre eles: os microfilmados em Minas Gerais para o projeto *O ciclo do ouro* (BARBOSA, [1978]); os que integraram o projeto de pesquisa de George Olivier Toni entre 1974 e 1977, reunidos na coleção de microfilmes Música nos Arquivos de Minas Gerais e São Paulo: Séculos XVIII e XIX, doada em 1993 ao Instituto de Estudos Brasileiros (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2010: 279); os microfilmes do Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, de Ouro Preto, disponíveis na Casa dos Contos, de Ouro Preto (com uma quantidade significativa de documentos musicográficos); a coleção Curt Lange de manuscritos musicais do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto, microfilmada no início da década de 1990.

Outros projetos de microfilmagem em grandes bibliotecas brasileiras incluíram itens documentais e bibliográficos de interesse musical, mas esse método entrou em declínio no final da década de 1990, com a difusão de novas tecnologias, mais práticas e mais baratas. Em função da acumulação de inúmeros rolos de microfilmes ao longo do século XX, as bibliotecas e arquivos de grande porte ainda mantêm salas ou setores destinados à sua leitura por meio de equipamento específico, situação que deverá se estender por mais algumas décadas, até que as imagens desses microfilmes sejam totalmente convertidas para sistemas digitais ou ainda mais sofisticados. A Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), por exemplo, ainda atende a pedidos de microfilmagem e frequentemente efetua a digitalização de microfilmes recém-produzidos, por razões práticas e econômicas.

Forma mais difundida de multiplicação da informação foi a reprografia em papel, por distintos métodos industriais, como a heliografia ("*blueprint*", em inglês), a mimeografia e a fotocópia (KUBBA, 2014: 4-5). As duas primeiras não eram aplicáveis a originais pré-existentes – dependiam da elaboração de uma matriz em suporte específico, permitindo a produção de um número limitado de cópias por meio de matriz heliográfica em papel translúcido ou de *stencil* para mimeógrafo – e foram muito usadas por compositores e copistas, principalmente nas décadas de 1960 a 1980, para a distribuição de cópias a instrumentistas e cantores. A fotocópia, ao contrário, permite a reprografia de um original pré-existente e popularizou-se, ao redor de 1970, como o recurso mais barato, prático e eficiente para esse fim. Embora a fotocópia tenha sido amplamente usada para fins pessoais, a reprodução de livros e documentos por esse método esbarrou em dois grandes entraves, que dificultaram projetos institucionais nessa direção: o conflito com a legislação voltada à propriedade autoral e industrial e os danos aos originais, causados pela necessidade de sua repetida manipulação e pela intensidade da luz da fotocopiadora.

Na década de 1990, difundiu-se a digitalização de originais bidimensionais, tanto por escaneadoras (*scanners*) quanto por câmeras fotográficas digitais. Por ser mais barato que os anteriores, esse método se tornou, no século XXI, a principal forma de reprodução da informação de originais, inclusive de cópias geradas pelos sistemas anteriores, como microfilmes, reproduções heliográficas, mimeográficas, fotocópias e outros. A digitalização (que não deve ser confundida com a edição musical por meio de recursos digitais) foi, portanto, o primeiro método que começou a ser usado em larga escala para a reprodução de itens e acervos inteiros, mas, embora já venha sendo adotada em grandes instituições há, pelo menos, duas décadas, ainda predomina a digitalização por demanda dos usuários ou a digitalização de itens selecionados pela própria instituição.

Quanto à imagem e ao som de originais em cilindros, discos e filmes, os primeiros métodos de reprodução foram as fitas magnéticas. Produzidas no formato de rolos,

já na década de 1930, mas popularizadas na década de 1950, as fitas de áudio foram principalmente usadas para a captação e a edição de áudio primário. Foi a versão mais popular da fita magnética, produzida em formato cassete, a partir da década de 1960, que começou a ser usada para a reprodução de discos, ao passo que, na década de 1980, se difundiu o videocassete e, na década de 1990, os menos longevos *digital audio tape* (DAT) e *minidisc* (MD), que iniciaram a era de armazenamento seletivo do som em formato digital. Embora tais sistemas tenham sido adotados para a reprodução de discos e filmes, seu uso foi principalmente doméstico e não gerou grandes acervos de cópias de originais pré-existentes, especialmente devido à legislação de propriedade autoral e industrial.

Na transição da década de 1990 para a de 2000, a popularização dos *compact disc-recordable* (CD-R), ou CDs graváveis, dos *digital versatile disc – read-only memory* (DVD-ROM), dos *digital versatile disc – recordable* (DVD-R), dos *hard disk drive – storage* (HDD externos), ou unidades de disco rígido externo, dos *solid-state drive storage* (SSD externo) e de outras tecnologias, além de tornar obsoletos os sistemas anteriores de reprodução de áudio e vídeo, facilitou a realização de projetos de preservação de som e imagem (estática ou em movimento) de fontes históricas, mas, por conta do mesmo tipo de legislação, esses métodos foram principalmente usados em projetos de reprodução de obras em domínio público, como o Projeto Resgate, referente à documentação colonial brasileira em arquivos portugueses (hoje incorporada à Biblioteca Nacional Digital).

As maiores mudanças nesse campo, no início do século XXI, resultaram da combinação dos recentes equipamentos de digitalização de imagem, som e filme, com seu armazenamento digital e sua disponibilização na internet, por meio do estabelecimento de servidores nacionais e internacionais, e da criação de plataformas digitais de difusão de textos, imagens, áudios e vídeos. Foi somente com essa mudança que algumas instituições brasileiras custodiadoras ou detentoras de acervos de interesse musical iniciaram a disponibilização *online* de grande quantidade de itens desse tipo, como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, já na década de 2000. Na década seguinte, surgiram os projetos públicos e privados de difusão de itens de interesse musical em imagem, áudio e vídeo, como os da Academia Brasileira de Música, do Instituto Moreira Salles, da Editora da Osesp, do Instituto Piano Brasileiro e do projeto *Musica Brasilis*, que, além dos itens históricos, também passaram a oferecer edições musicais digitais, portanto, digitoscritas em formato natodigital (ou seja, totalmente criadas em ambiente digital).

Mesmo com esse avanço tecnológico, que tornou a palavra "digitalização" um sinônimo moderno de "preservação da informação", a quantidade de instituições brasileiras que iniciou o processamento dos seus acervos audiovisuais por esse método, infelizmente, é muito pequena, diante da quantidade de acervos físicos existentes e da situação precária de grande parte deles[2]. Isso faz com que, nas próximas décadas, a pesquisa, na quase totalidade dos acervos de interesse musical no Brasil, ainda tenha que ser feita, principalmente, por meio da localização e da consulta de itens físicos, de modo presencial, nas próprias instituições, o que requer deslocamentos geográficos, tempo e custos proporcionais à dimensão de cada trabalho ou projeto de pesquisa.

[2] Ver os trabalhos publicados em Freitas e Valente (2017).

9. Conclusões

Existem milhares de acervos de interesse musical no Brasil, dos quais centenas na Região Sudeste. O estágio incipiente do processamento de parte deles (incluindo a organização, o acondicionamento e a inventariação) e a falta de reprodução (digital ou por outros métodos) de sua grande maioria requerem do pesquisador o trabalho predominantemente presencial em acervos físicos. Considerando-se a existência de inúmeros acervos históricos não digitalizados em orquestras e bandas, além de muitas coleções pessoais e familiares, as pesquisas de grande porte no Brasil frequentemente demandam também a consulta a coleções privadas, muitas delas em estado precário de conservação e organização, o que exige dos pesquisadores a negociação do acesso, quando este não é regulado por normas estabelecidas.

Ainda que não haja projetos sistemáticos – nacionais ou regionais – de mapeamento dos acervos de interesse musical mais significativos, iniciativas relevantes já foram realizadas nessa direção. Aqui foram apresentadas as principais, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, sem enumerar as coleções pessoais e familiares e a maioria dos acervos de orquestras e bandas privadas. O objetivo foi o de orientar as pesquisas iniciais dos interessados, o que não garante a existência de determinados materiais em alguns deles, nem impede a localização de itens interessantes à pesquisa em acervos não referidos ou mesmo inusitados, uma vez que a pesquisa que pretende compreender aspectos ainda não esclarecidos da história requer o levantamento de itens anteriormente desconhecidos pelo(a) pesquisador(a) no maior número possível de acervos. Afinal, a busca de um item conhecido ou almejado pode levar à sua localização, mas não necessariamente à compreensão de aspectos relacionados ao contexto de sua produção.

Por fim, é importante lembrar que também cabe ao pesquisador contribuir para o mapeamento dos acervos musicais, não apenas incluindo a listagem das instituições visitadas em cada trabalho, mas, sempre que possível, participando de ações mais amplas para a localização, o registro e a difusão das informações básicas de cada um deles. A produção de trabalhos locais com essa finalidade permitirá a construção de guias e catálogos nacionais ou regionais – como já existem para museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação em geral –, que certamente contribuirão para o desenvolvimento e a expansão dos estudos musicológicos brasileiros e para a escrita de novas histórias da música a partir de fontes documentais e musicográficas primárias.

Referências

ALLEN, Warren Dwight. *Philosophies of music history*: a study of general histories of music, 1600-1960. New York: Dover, 1962. 382 p.

ARCHANJO, Evandro dos Santos. Acervo musical do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina - MG: um estudo exploratório e sua reintegração. *In*: COLÓQUIO DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFOP, 1., 2017, Ouro Preto. *Anais* [...]. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017. p. 269-282. Disponível em: https://coloquiodemusica.ufop.br/sites/default/files/coloquiodemusica/files/tabela_com_as_comunicacoes_aprovadas_para_o_coloquio_de_musica_atualizada.docx?m=1525724909. Acesso em: 20 set. 2022.

ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 230p.

AUBIN, Cristiana. Acervo musical da "Coleção Thereza Christina Maria" da Biblioteca Nacional: é possível falar em completude? *In*: CONGRESSO DA ANPPOM, 26., 2016, Belo Horizonte. *Anais* [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música; Belo Horizonte: UFMG/UEMG, 2016. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4190/public/4190-14105-2-PB.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

BAGÜÉS, Jon. Archivos musicales: un acercamiento a la historia y tipos de archivos musicales en el entorno hispánico. *In*: GÓMEZ GONZÁLEZ, P. J.; HERNÁNDEZ OLIVERA, L.; MONTERO GARCÍA, J.; BAZ, R. V. (org.). *El archivo de los sonidos*: la gestión de fondos musicales. Salamanca: Asociación de Archiveros de Castilla y León, 2008. p. 57-90. (Colección Estudios Profesionales, v. 2).

BARBOSA, Elmer Corrêa (org.). *O ciclo do ouro*: o tempo e a música do barroco católico; catálogo de um arquivo de microfilmes; elementos para uma história da arte no Brasil. Pesquisa de Elmer C. Corrêa Barbosa. Assessoria no trabalho de campo de Adhemar Campos Filho e Aluízio José Viegas. Catalogação das músicas do séc. XVIII de Cleofe Person de Mattos. Rio de Janeiro: PUC/RJ; Funarte; XEROX, [1978] [na capa: 1979]. 454 p.

BINDER, Fernando. Utilizando Microsoft Access na catalogação e descrição de música manuscrita. *In*: COLÓQUIO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA E EDIÇÃO MUSICAL, 1., 2003, Mariana. *Anais* [...]. Mariana: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, 2004. p. 61-67.

BOMFIM, Camila Carrascoza. *A música orquestral, a metrópole e o mercado de trabalho*: o declínio das orquestras profissionais subsidiadas por organismos públicos na Região Metropolitana de São Paulo de 2000 a 2016. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017. 423 p.

BRASIL. Decreto-Lei n° 9.853, de 13 de setembro 1946. Atribui à Confederação Nacional do Comércio o encargo de criar e organizar o Serviço Social do Comércio e dá outras providências. Rio de Janeiro: 1946. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del9853.htm. Acesso em: 20 set. 2022.

CARDOSO, André. *A Capela Imperial do Rio de Janeiro*: 1808-1889. Tese (Doutorado em Música) - Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

CARDOSO, André. O arquivo musical e o repertório da Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro: 1808-1889. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 5., 2002, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 40-54.

CARDOSO, Igor. *Fernand Jouteux*: o maestro de chapéu de couro e sua "bela aliança" com Garanhuns. Prefácio de Dominique Dreyfus. Apresentação de Marcilio Reinaux. Orelha de Luzinette Laporte. Olinda: Babecco, 2015. 339 p.

CARLINI, Álvaro. Histórico das entidades e particularidades dos acervos da Sociedade Bach de São Paulo (1935-1977) e da Sociedade de Cultura Artística Brasílio Itiberê do Paraná (1944-1976). *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 6., 2004, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006. p. 294-304.

CARLINI, Álvaro. Preservação do acervo histórico-fonográfico da Discoteca Pública Municipal de São Paulo (1936-1945). *In*: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, 3., 1999, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000. p. 117-130.

CASTAGNA, Paulo. A Seção de Música do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. *Brasiliana*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 16-27, jan. 1999.

CASTAGNA, Paulo. Desenvolver a arquivologia musical para aumentar a eficiência da Musicologia. *In*: ROCHA, E.; ZILLE, J. A. B. (org.). *Musicologia[s]*. Barbacena: EdUEMG, 2016. (Série Diálogos com o Som: Ensaios, v. 3).

CASTAGNA, Paulo. Do arquivo da catedral ao Museu da Música da Arquidiocese de Mariana. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 8., 2008, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. p. 72-106.

CASTAGNA, Paulo. Entre arquivos e coleções: desafios do estudo de conjuntos documentais musicográficos a partir de suas características intrínsecas. *interFACES*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 22-41, jul.-dez. 2019.

CASTAGNA, Paulo. Os 40 anos (e vários séculos) do Museu da Música de Mariana. *Glosas*, Lisboa, n. 8, p. 59-63, maio 2013. Disponível em: https://archive.org/details/Os40AnosEVariosSeculosDoMuseuDaMusicaDeMariana. Acesso em 20 abr. 2022.

CASTAGNA, Paulo. O Arquivo João Antônio Romão: testemunho de três fases da música católica no Vale do Paraíba Paulista. *In*: SOUZA, A. G. R.; ROSA, R. L.; CRANMER, D. (org.). *Musicologia & diversidade*. Curitiba: Appris, 2020. p. 191-236.

CASTAGNA, Paulo. Uma análise codicológica do Grupo de Mogi das Cruzes. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 4., 2000, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. p. 21-71.

CASTAGNA, Paulo; MOURA, Paulo Celso. Coleção musicográfica do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (1906-2015): histórico e projetos em curso. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL, 4.: o patrimônio cultural como ofício da história, 2022, Goiás. *Anais* [...]. Goiânia: ANPUH-BR, 2023. p. 181-194. Disponível em: https://archive.org/details/colecao-musicografica-do-CDMSP. Acesso em: 30 jan. 2023.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. 'Acervo João Mohana' do Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM): algumas observações. *Revista Música*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 210-225, 2018.

COELHO, Lucas de Lima. *Gerenciamento de acervos para performance musical*: a informação/documentação musical em instituições musicais. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (CBBU). *Guia de bibliotecas de instituições brasileiras de ensino superior*. 2. ed. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. 2 disquetes.

COMPOSIÇÕES de José Maurício. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 24, n. 56, p. 1, 25 fev. 1898.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). *Habitat*: guia de bibliotecas e centros de documentação. Brasília: CNPq; CED, 1982. 95 p.

COTTA, André Guerra. Acervo Curt Lange – UFMG: apresentação e perspectivas. *In*: COTTA, André Guerra; SOTUYO BLANCO, Pablo. *Arquivologia e patrimônio musical*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 75-91 (O Patrimônio Musical na Bahia). Disponível em: https://doi.org/10.7476/9788523208844. Acesso em 10 out. 2022.

COTTA, André Guerra. Acervos musicais brasileiros no século XXI e práticas musicais na América Portuguesa: uma visão panorâmica e dois casos pontuais. *In*: LUCAS, M. E.; NERY, R. V. (org.). *As músicas luso-brasileiras no final do antigo regime*: repertórios, práticas e representações. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Fundação Calouste-Gulbenkian, 2012. p. 30-58. (Estudos Musicológicos, v. 35).

COTTA, André Guerra. O arquivo de Francisco Curt Lange: perspectivas de integração do conhecimento musicológico. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 5., 2002, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004a. p. 247-258.

COTTA, André Guerra. A música em Itabira do Matto Dentro: reflexões sobre uma pesquisa de campo e leituras de fontes secundárias. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 5., 2002, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004b. p. 77-108.

COTTA, André Guerra. O tratamento da informação em documentos musicais no contexto arquivístico. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, 1., 2017, São João del-Rei. *Anais* [...]. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2018. p. 8-32. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/emhcv/ANAIS%20do%20I%20EMHCV.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

COTTA, André Guerra. Revitalização do acervo de partituras da Sociedade Musical Euterpe Itabirana. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 2., 1996, Juiz de Fora. Anais [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1998. p. 11-22.

DAHLHAUS, Carl. *Foundations of music history*. Translated by J. B. Robinson. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 177 p.

DAHLHAUS, Carl. *Fundamentos de la historia de la música*. Traducción de Nélida Machain. Barcelona: Gedisa, 2003. 205 p.

DAHLHAUS, Carl. *Grundlagen der Musikgeschichte*. Mit einer kommentierenden Einführung von Michele Calella. Laaber: Laaber-Verlag, 2017. XXIII, 204 p. (Laaber Musikwissen/Grundlagen der Musik herausgegeben von Felix Diergarten und Manuel Gervink, Band 13).

DIAS, José Leonel Gonçalves. O arquivo secular da Lira Ceciliana, de Prados (MG). *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 5., 2002, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 259-266.

DIAS, Sérgio; FONSECA, Modesto Flávio; SECOMANDI, Carlos Fernando. O projeto "Música e História no Espírito Santo": pioneirismo e possíveis portais. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 7., 2006, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2008. p. 55-66.

DIAS, Sérgio; SECOMANDI, Carlos Fernando. A banda de música do Rosário de Vitória: achegas para uma abordagem à prática musical capixaba desde o século XVI. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 6., 2004, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006. p. 95-100.

DIAS, Sérgio; SECOMANDI, Carlos Fernando. O acervo da Filarmônica do Rosário: uma visão histórica e conceitual. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 8., 2008, Juiz de Fora. *Anais*... Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. p. 123-132.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. *Resgates e abandonos do passado na prática musical litúrgica católica no Brasil entre os pontificados de Pio X e Bento XVI (1903-2013)*. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/136482. Acesso em: 20 set. 2022.

DUPRAT, Régis. A catalogação temática do Acervo de Manuscritos Musicais do Museu da Inconfidência de Ouro Preto: uma abordagem preliminar. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, 3., 1987, Ouro Preto. *Anais* [...]. Belo Horizonte: Imprensa Universitária [da UFMG], 1989. p. 87-96.

DUPRAT, Régis; TRINDADE, Jaelson. Uma descoberta musicológica: os manuscritos musicais de Moji das Cruzes, c. 1730. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, 2., 1985, São João del Rei. *Anais* [...]. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, [1987] [na capa: 1986]. p. 49-54.

FERNANDES, Paula Porta S.; LOTITO, Marcia Padilha; WISSENBACH, Maria Cristina Cortez; OLIVEIRA, Malu de; MARTINS, Paulo César Garcez; PUNTONI, Pedro; LINS, Sílvia Q. F. Barreto (coord.). *Guia dos documentos históricos na cidade de São Paulo, 1554-1954*: documentação textual. São Paulo: HUCITEC; NEPS, 1998. 794 p.

FISCHER, Heloisa (org., ed.). *Guia VivaMúsica! 2001*: o livro da música clássica no Brasil. Rio de Janeiro: VivaMúsica! Marketing e Edições, 2001. 296 p.

FONSECA, Modesto. A música em arquivos de Minas Gerais e Espírito Santo: uma contribuição para o estudo do patrimônio arquivístico-musical brasileiro. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 6., 2004, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006. p. 315-325.

FONSECA, Modesto. O acervo de manuscritos musicais de Viçosa (MG). *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 5., 2002, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 280-282.

FREITAS, Bruna Castanheira de; VALENTE, Mariana Giorgetti. *Memórias digitais*: o estado da digitalização de acervos no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2017. 216 p.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (FBN). *Guia das bibliotecas públicas do Brasil*: 1994/1995. Rio de Janeiro: FBN, 1994. 215 p.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES (FUNARTE); MINISTÉRIO DA CULTURA; GOVERNO FEDERAL. *Projeto Bandas*: bandas de música por estado cadastradas na Funarte. Sistemas Funarte, [S. l.], [2023]. Disponível em: https://sistema.funarte.gov.br/consultaBandas/. Acesso em: 10 nov. 2022.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS; SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. *Guia cultural do Estado de São Paulo*: município de São Paulo. São Paulo: SEADE, 2001a. 148 p.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS; SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. *Guia cultural do Estado de São Paulo*: municípios de A a C. São Paulo: SEADE, 2001b. 611 p.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS; SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. *Guia cultural do Estado de São Paulo*: municípios de D a L. São Paulo: SEADE, 2001c. 625 p.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS; SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. *Guia cultural do Estado de São Paulo*: municípios de M a R. São Paulo: SEADE, 2001d. 678 p.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS; SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. *Guia cultural do Estado de São Paulo*: municípios de S a Z. São Paulo: SEADE, 2001e. 621 p.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS; SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. *Guia cultural do Estado de São Paulo*: temático I. São Paulo: SEADE, 2001f. 559 p.

GONÇALVES, Janice. *Música na cidade de São Paulo (1850-1900)*: o circuito da partitura. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. 316 p.

GUERRINI JUNIOR, Irineu. *A elite no ar*: óperas, concertos e sinfonias na Rádio Gazeta de São Paulo (1943-1960). São Paulo: Terceira Margem, 2009. 208 p.

GUIMARÃES, Antonio Carlos; LACERDA, Alexandre; CASTAGNA, Paulo (coord.); ELIAS, Lucienne Maria de Almeida; LÍCIO, Patrícia Souza Andrade; PIMENTEL, Natália. *Novo regresso*: preservação do acervo musical da Banda de Música Santa Cecília de Barão de Cocais (Minas Gerais). São João del-Rei: Escola de Música da Universidade Federal de São João del-Rei, 2012. 1 DVD (72 min).

GUIMARÃES, Tatiara Paranhos; MARCIAL, Cristine Coutinho. Guias de bibliotecas como fontes de informação: metodologia de elaboração do guia da 1ª Região. *Informação & Informação*, Londrina, v. 13, n. 2, p. 108-124, jul./dez. 2008. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/43890. Acesso em: 12 nov. 2022.

HADDAD, Gisele Laura; FERRAZ JÚNIOR. *Jubileu de Brilhante*: os 75 anos da Associação Musical de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Coruja, 2013. 284 p.

HAZAN, Marcelo Campos. A seção musical do arquivo do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro: uma abordagem com ênfase em obras de compositores portugueses pertencentes ao acervo. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 5., 2002, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 136-154.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estimativas da população*. IBGE, [S. l.], [2022]. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html. Acesso em: 10 nov. 2022.

KUBBA, Sam A. A. *Desenho técnico para construção*. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2014. (Série Tekne).

MAMMI, Lorenzo. Trabalho de catalogação e divulgação na USP. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 3., 1998, Juiz de Fora. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2000. p. 115-119.

MASSARANI, Renzo. Uma biblioteca musical. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 66, n. 162, 14 jul. 1956. 1º Cad., p. 8.

MONTERO GARCÍA, Josefa. La documentación musical: fuentes para su estudio. *In*: GÓMEZ GONZÁLEZ, P. J.; HERNÁNDEZ OLIVERA, L.; MONTERO GARCÍA, J.; BAZ, R. V. (org.). *El archivo de los sonidos*: la gestión de fondos musicales. Salamanca: Asociación de Archiveros de Castilla y León, 2008. p. 91-122. (Colección Estudios Profesionales, n. 2).

MONTEIRO NETO, Antonio Campos; HAZAN, Marcelo Campos; COTTA, André Guerra. O projeto de digitalização do acervo musical do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro: interseção entre arquivologia musical, musicologia e informática. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 7., 2006, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2008. p. 165-203.

MOURA LACERDA, Victor de. Projeto Mapa dos Acervos Musicais Brasileiros. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 7., 2006, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2008. p. 204-214.

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. *Acervo de manuscritos musicais*: coleção Francisco Curt Lange. Coordenação geral de Régis Duprat. Coordenação técnica de Carlos Alberto Baltazar. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1991. v. 1: Compositores mineiros dos séculos XVIII e XIX. (Coleção Pesquisa Científica).

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. *Acervo de manuscritos musicais*: coleção Francisco Curt Lange. Coordenação geral de Régis Duprat. Coordenação técnica de Carlos Alberto Baltazar. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1994. v. 2: Compositores não-mineiros dos séculos XVI e XIX. (Coleção Pesquisa Científica).

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. *Acervo de manuscritos musicais*: coleção Francisco Curt Lange. Coordenação geral de Régis Duprat. Coordenação técnica de Mary Angela Biason. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. v. 3: Compositores anônimos. (Coleção Pesquisa Científica).

MUSEU VILLA-LOBOS. *Villa-Lobos, sua obra*. Rio de Janeiro: O Museu, 1965. 212 p.

MUSEU VILLA-LOBOS. *Villa-Lobos, sua obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 1974. 334 p.

MUSEU VILLA-LOBOS. *Villa-Lobos, sua obra*. 3. ed. rev. atual. e aum. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 1989. 323 p.

MUSEU VILLA-LOBOS. *Villa-Lobos*: sua obra. Rio de Janeiro: MinC; Ibram; Museu Villa-Lobos, 2009. 262 p. Baseado na edição de 1989. Disponível em: http://museuvillalobos.org.br/ingles/bancodad/VLSO_1.0.pdf. Acesso em: 11 ago. 2019.

NEVES, José Maria. Arquivos de manuscritos musicais brasileiros: breve panorama. *In*: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, 1., 1997, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1998. p. 137-163.

NEVES, José Maria. Arquivos musicais brasileiros: preservar enquanto é tempo. *Piracema*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 136-145, 1993.

NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. *Museu Carlos Gomes*: catálogo de manuscritos musicais. São Paulo: Arte & Ciência, 1997. 416 p.

NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. Museu Carlos Gomes de Campinas: catalogação e organização do acervo de manuscritos musicais. *In*: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, 3., 1999, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000. p. 103-116.

[OLIVEIRA, Clóvis de]. Prêmio Luíz Alberto Penteado de Rezende. *Resenha Musical*, São Paulo, ano 6, n. 71/72, p. 1-17, jul./ago. 1944.

O. P. Biblioteca musical. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 62, n. 16, p. 5, 20 jan. 1953.

PASQUALINI, Maria Elisa Peretti. Rádio Record de São Paulo: repertório de arranjos (1928-1965). *In*: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, 3., 1999, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000. p. 329-340.

PENALVA, José de Almeida. Informe sobre acervo de música sacra dos séc. XVIII e XIX encontrado em Barão de Cocais (Minas Gerais) do Arquivo Eclesiástico de Mariana. *O Arquidiocesano*, Mariana, ano 14, n. 684, p. 2, 22 out. 1972; ano 14, n. 685, p. 2-4, 29 out. 1972.

PENALVA, José de Almeida. Informe sobre acervo de música sacra dos séc. XVIII e XIX encontrado em Barão de Cocais (Minas Gerais) do Arquivo Eclesiástico de Mariana. *Cadernos*, Curitiba, v. 1, n. 4, p. 2-56, 1973.

PEQUENO, Mercedes Reis. A música da posteridade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 78, n. 33, 18 maio 1968. Caderno B, p. 4.

PIMENTEL, Eduardo Francisco. *Museu Municipal*: memória, história e identidade: o Museu Municipal de Carangola-MG. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11205. Acesso em: 20 set. 2022.

REMIÃO, Cláudio Roberto Dornelles. *O caso Curt Lange*: análise de uma polêmica (1958-1983). Tese (Doutorado em História) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196148. Acesso em: 20 set. 2022.

REZENDE FONSECA, Maria da Conceição de. Música mineira dos séculos XVIII e XIX: arquivo de música dos séculos XVIII e XIX do Museu da Música da Arquidiocese de Mariana. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, 1., 1984, Mariana. *Anais* [...]. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG; Arquidiocese de Mariana, [1986]. p. 39-80.

RIBEIRO, Wagner. Visita ao maravilhoso reino da música antiga marianense. *O Arquidiocesano*, Mariana, ano 8, n. 358, p.1-3, 24 jul. 1966.

RÖHL, Alexandre Cerqueira de Oliveira. O Acervo Levy e a produção musical da Belle Époque paulistana. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, 1.: arquivos, técnicas e ferramentas do estudo documental, 2017, São João del-Rei. *Anais* [...]. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2018. p. 172-185. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/emhcv/ANAIS%20do%20I%20EMHCV.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

SALLES, Vicente. A Biblioteca Nacional e a música barroca mineira. *Revista Brasileira de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 15, p. 21-38, jan./mar. 1973.

SAMPIETRI, Carlos Eduardo. *A Discoteca Pública Municipal de São Paulo (1935-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10122009-103746/publico/CARLOS_EDUARDO_SAMPIETRI.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

SANTOS, Lenine Alves dos; SANTOS, Mauro Camilo de Chantal. O acervo de partituras de Hermelindo Castello Branco e sua importância para a canção de câmara brasileira. *In*: CONGRESSO DA ANPPOM, 27., 2017, Campinas. *Anais* [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017. n.p. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2017/4619/public/4619-16386-1-PB.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

SERGL, Marcos Júlio. Aspectos da prática musical sacra ituana no século XIX: perspectivas para um arquivo. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 6., 2004, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006. p. 442-453.

SOTUYO BLANCO, Pablo. Arquivos de música na Bahia. *In*: COLÓQUIO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA E EDIÇÃO MUSICAL, 1., 2003, Mariana. *Anais* [...]. Mariana: Fundarq, 2004. p. 249-269.

TRINDADE, Jaelson Bitran. O patrimônio musical do Brasil: os acervos arquivísticos. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 6., 2004, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006. p. 248-257.

TRINDADE, Jaelson Bitran; CASTAGNA, Paulo. Música pré-barroca luso-americana: o Grupo de Mogi das Cruzes. *Data*: revista de estudios andinos y amazonicos, La Paz, n. 7, p. 309-336, 1997.

TUGNY, Rosângela Pereira de. O inventário do Acervo Curt Lange da UFMG: contribuições para uma ética da pesquisa de campo em musicologia. *In*: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 4., 2000, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. p. 262-276.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Comissão de Patrimônio Cultural. *Guia de Museus Brasileiros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Uspiana: Brasil 500 Anos).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicações e Artes. Biblioteca. *Guia de Acervos Musicais*. São Paulo: ECA-USP, 2017. Disponível em: https://acervosmusicais.wordpress.com. Acesso em: 20 set. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Estudos Brasileiros. *Guia do IEB*: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. Edição de Ana Lúcia Duarte Lanna. Produção editorial de Fernanda da Silva Rodrigues Rossi. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2010. 304 p.

VIDAL, Denis Tadeu Rahj. *A produção musicológica de Clóvis de Oliveira*. 219f. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

VIDIGAL, Renato Peixoto. Museu da Música do Arquivo Eclesiástico de Mariana. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, 1., 1984, Mariana. *Anais* [...]. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG; Arquidiocese de Mariana, [1986]. p. 37-38.

VIEGAS, Aluízio José. Arquivos musicais mineiros: localização, material existente, acesso e trabalhos realizados. *In*: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, 1., 1997, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1998. p. 110-130.